

# Revista GeoUECE

Programa de Pós-Graduação  
em Geografia - ProPGeo

Universidade Estadual  
do Ceará - UECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -  
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

NAYYAR, D. A.  
corrida pelo  
crescimento. Países  
em desenvolvimento  
na economia  
mundial. Rio de  
Janeiro: Contraponto,  
2014. 319p.

**Leandro Bruno Santos**

**Citação:** SANTOS, L. B. "NAYYAR, D. A.  
Corrida pelo crescimento. Países em  
desenvolvimento na economia mundial". Rio de  
Janeiro: Contraponto, 2014. 319p. Revista  
GeoUECE (Online), v. 5, n. 9, p. 118-122,  
jul./dez. 2016. ISSN 2317-028X.

---

NAYYAR, D. **A corrida pelo crescimento**. Países em desenvolvimento na economia mundial. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. 319p.

**Leandro Bruno SANTOS<sup>1</sup>**  
[leandrobruno@id.uff.br](mailto:leandrobruno@id.uff.br)

Este livro foi escrito pelo indiano Deepak Nayyar, doutor pela Oxford - onde lecionou – e professor emérito da Jawaharlal Nehru. O autor atuou em instituições nacionais e internacionais, entre elas Sussex, New York, Indian Institute of Management, World Institute for Development Economics Research, Social Science Research Council in the United States e Department of International Development. Fez parte de conselho das empresas State Trading Corporation of India, State Bank of India, Export-Import Bank of India, Maruti Udyog, ICRA, Steel Authority of India Limited e Oil and Natural Gas Corporation. É membro de corpo editorial de diversas revistas e suas pesquisas versam sobre economia internacional, macroeconomia e desenvolvimento econômico.

O principal objetivo subjacente ao livro é “analisar a evolução dos países em desenvolvimento na economia mundial, situando-a numa perspectiva de longo prazo, a partir da instalação do segundo milênio, com foco na segunda metade do século XX e na primeira metade da década do século XXI” (p. 22). O livro está estruturado em duas partes, além do prólogo e do epílogo. Na primeira parte, dois capítulos abordam o passado e as causas da divergência. Na parte 2, cinco capítulos analisam o período entre 1950 e 2008 e os elementos da convergência. No prólogo, apresenta os principais desafios para que os países em desenvolvimento alterem o balanço de poder mundial.

O segundo capítulo, *A grande divergência e a grande especialização*, traz uma análise de longa duração e mostra que, até o início do século XIX, África, América Latina e Ásia, sobretudo esta última, detinham grande parte da

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da UFF. Graduado, Mestre e Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp (Presidente Prudente).

---

população e renda mundiais. A grande divergência teve início em 1820, com a propagação da industrialização na Europa Ocidental, na América do Norte e no Japão. A ordem internacional instaurada, ancorada no livre comércio, marcou o processo de industrialização da Europa Ocidental e desindustrialização da Ásia, de um lado, e a especialização entre economias produtoras de bens primários (Ásia, África e América Latina) e industriais (Europa Ocidental e Estados Unidos), de outro lado.

No terceiro capítulo, *Perguntas e repostas subjacentes*, demonstra que a Ásia e os atuais países desenvolvidos, entre os séculos XVI e XIX, exibiam mais semelhanças do que diferenças e as raízes da divergência estão relacionadas às navegações apoiadas pelos Estados e às mudanças estruturais internas na Europa (mercantilização e urbanização), que engendraram alterações institucionais, sociais e culturais. Esses acontecimentos criaram condições iniciais do desenvolvimento capitalista pleno com a Revolução Industrial. Esta, somada à política neocolonialista e à revolução dos transportes, desencadeou a divergência e a especialização mundiais, com perda de importância dos atuais países em desenvolvimento na produção, na renda e fluxos mundiais. Contudo, adverte que sucesso e fracasso ou prosperidade e pobreza não podem ser restritos à cultura, às instituições ou às geografias diferentes, ao contrário, os “resultados são moldados por uma combinação complexa de fatores econômicos, sociais e políticos, num contexto nacional em que a história tempo importância” (p. 83).

Em *Fim da divergência: primórdios da convergência?*, quarto capítulo, constata um aumento da importância dos países em desenvolvimento no PIB mundial e uma modesta convergência de renda entre 1950 e 2008, por conta das taxas superiores de crescimento econômico. A Ásia respondeu pelos maiores avanços, a América Latina ficou estacionada e a África manteve a divergência. Embora a ideia de convergência esteja presente nas correntes neoclássica e não convencional, defende que “não há nada de automático na convergência, assim como não há nada de automático no crescimento. É comum a convergência e a

---

divergência serem simultâneas. E mais: a convergência é comumente desigual no espaço e no tempo” (p. 120).

No quinto capítulo, *Entrosamento na economia mundial*, analisa o grau de interação dos países em desenvolvimento na economia mundial. Entre 1950 e 1970, ocorreu queda na participação no comércio, com exponencial aumento a partir dos anos 1980. A maior inserção nos fluxos de investimentos ocorreu desde os anos 1990. A Ásia liderou a maior inserção nos fluxos de comércio e de capitais. Os índices de inserção comercial e financeiros são similares aos do início do século, as mudanças são qualitativas - comércio intrafirma (bens intermediários) e expansão dos serviços -. Quanto à imigração, os países em desenvolvimento continuam sendo importantes fontes geradoras e os países desenvolvidos, receptoras. Desde 1950, a imigração foi significativa, apesar de percentual menor que no começo daquele século; as mudanças mais importantes têm sido as remessas de capitais, a mobilidade de pessoal qualificado e as restrições a pessoas sem qualificação.

Em *O emparelhamento na industrialização*, sexto capítulo, reúne elementos que corroboram o emparelhamento a partir dos anos 1950, como mudança estrutural do emprego da agricultura para indústria e serviços, aumento da participação dos países em desenvolvimento na produção industrial e no comércio mundiais. Essas mudanças foram antes resultado de atuação da mão visível do Estado, do empréstimo de tecnologias, do intenso processo de aprendizagem etc., em vez da alocação de preços dos neoclássicos. Porém, a mudança estrutural foi desigual, pois América Latina exibiu pouca mudança, África quase não avançou e Ásia liderou o processo de emparelhamento. Nem todos países conheceram a sequência teleológica do emprego (agricultura-indústria-serviços) e a mesma estrutura industrial e comercial.

No sétimo capítulo, *Parceiros desiguais e desenvolvimento irregular*, mostra que o emparelhamento ficou restrito a 14 países (Argentina, Brasil, Chile, México, China, Índia, Indonésia, Malásia, Taiwan, Turquia, Coréia do Sul, Tailândia, África do Sul e Egito). Contudo, esse grupo apresenta diferenças

---

internas - participação na produção, no comércio e na renda, além de contexto ambiental (recursos), propulsores (recursos naturais ou mão de obra barata), ênfases (mercado interno ou externo), transição (distribuição da população entre setores) e modelos (desenvolvimento ou dependência tecnológica). Eles compartilham, no entanto, três fatores (condições iniciais, instituições facilitadoras e governos incentivadores) que podem ser replicados pelos demais países em desenvolvimento, desde que criem mecanismos de controle dos agentes econômicos e estatais e estimulem a economias e as empresas a desenvolverem capacidades tecnológicas.

Em *Divergências emergentes: desigualdade, exclusão e pobreza*, oitavo capítulo, mostra que a desigualdade de renda *per capita* aumentou em todos os recortes escalares. “[...] o crescimento econômico acelerado não se transformou num desenvolvimento significativo que melhorasse as condições de vida e assegurasse o bem-estar das pessoas comuns” (p. 249). O número de pobres permaneceu muito grande, por conta da desigualdade econômica, que consiste no crescimento econômico e no acúmulo de renda em segmentos pequenos da população. A globalização e os mercados, por meio das reformas estruturais e de política macroeconômica adversa, acentuaram a desigualdade, com aumento dos lucros em detrimento dos salários, precarização do trabalho e emergência de classe rentista.

No nono capítulo, *O futuro no passado*, apresenta as possibilidades e as limitações do potencial crescimento dos países em desenvolvimento. Para ele, as condições iniciais necessárias ao crescimento podem não ser suficientes para engendrar o desenvolvimento, caso não haja melhoria das condições de vida da população. É imperativo erradicar a pobreza, criar empregos e gerar um crescimento inclusivo. A mudança na balança do poderio econômico e político mundial “dependerá, em grande parte, de os países em desenvolvimento conseguirem se transformar em sociedades inclusivas, nas quais o crescimento econômico, o desenvolvimento humano e o progresso social caminhem juntos” (p. 284).

---

O livro é bem redigido, com ampla discussão bibliográfica e farta documentação. Além disso, contempla recorte temporal e espacial pouco usual, pois aborda transformações temporais e espaciais na escala mundial desde o século XVI. É possível verificar que as mudanças na economia mundial exibem continuidades e descontinuidades, no tempo e no espaço, e que o desenvolvimento não é apenas expansão das forças produtivas, mas também igualdade econômica e inclusão social. Por esses pontos levantados e por outros que a obra poderá suscitar ao leitor, sua leitura deve ser obrigatória para aqueles que estão envolvidos, direta e indiretamente, com as discussões em torno da economia política do desenvolvimento, da geopolítica, entre outras.